

Ability

5

[1955, cerca de meados de Junho]

A Revista de DIANÉTICA e CIENTOLOGIA de Washington, D. C.

A Esperança do Homem

L. Ron Hubbard

Retirada da palestra de boas-vindas por L. Ron Hubbard para o Congresso de Cientologistas Orientais no Hotel de Shoreham, Washington, D. C. Em 3 de Junho de 1955.

O Congresso aqui em Washington é um evento bastante especial. Uma das razões por que eu vim à zona Oriental para dar este Congresso e por que estava muito contente por o poder fazer, tem a ver com o desenvolvimento de informação suficientemente importante, como eu acredito que vocês verão no final deste Congresso, para justificar que a transmita a tantas pessoas quanto possível.

As coisas que têm acontecido na cientologia por causa da pesquisa e desenvolvimento removeram a cientologia completamente de ser classificada como uma psicoterapia. Os fatos hoje em dia por detrás da cientologia são que está fazendo coisas que nada em tempo algum fez antes. Uma das coisas que fico muito feliz de anunciar imediatamente é que nós raramente falhámos nos meses mais recentes de elevar o quociente de inteligência em dez pontos de qualquer indivíduo que tenha tido pelo menos vinte e cinco horas de processamento. E para aqueles que tiveram setenta e cinco horas de processamento, elevámos tanto quanto trinta e cinco pontos e consideramos um aumento de vinte e cinco pontos como rotina. Isto é algo que nunca aconteceu antes, e é importante que dêmos uma olhada nisto. De acordo com a psicologia esta é uma impossibilidade, completamente impossível, e então eu quero dizer-lhes por que é impossível no campo da psicologia.

A Dianética, o nosso começo, era uma ciência de mecanicista, muito mecanicista, mas muito precisa. Sem a Dianética não poderíamos ter continuado, mas tivemos a Dianética e evoluímos. Tudo o que a Dianética era, era uma abordagem analítica muito exata aos problemas da mente e em Dianética nós éramos aliados próximos, é claro, da psicoterapia. Não podíamos de deixar de estar, porque todos os dados dos quais dependíamos, todos os procedimentos que usávamos, de uma maneira ou de outra, estavam relacionados com a psicoterapia. Mas quando saímos desta abordagem mecanicista, em 1952, era necessário distinguir o facto de que tínhamos abandonado uma abordagem mecânica. Já não estávamos considerando o Homem um robô. Já não estávamos considerando o Homem algo a que se dava corda, que se fixava no carril da vida, e que funcionava durante vários anos e depois parava. Nós já não considerávamos que o Homem estava fazendo isto ou este tipo de coisa. Nós já saímos disso. Reconhecemos que o Homem era basicamente uma máquina só no que dizia respeito ao seu corpo, mas que, nas suas outras facetas, aquele Homem era uma entidade espiritual que não tinha nenhuma sobrevivência finita. Esta entidade tinha uma sobrevivência infinita.

Um dos fundamentos da Dianética, estão a ver, era a sobrevivência. O princípio básico da existência é a sobrevivência e isso só é verdade para o corpo. Um espírito não consegue senão sobreviver quer seja no céu ou no inferno, na terra ou numa armadilha de theta. Isso é a coisa mais triste para a maioria das pessoas. É tão triste que eles preferem esquecê-lo. Eles dizem, “Bom, eu vou viver vários anos e então vou morrer. E isso será o meu fim e vocês devem todos ter muita pena de mim e enviarem flores.”

Este é um jogo interessante, mas não é verdade. Se ele alguma vez pensar nisto no hemisfério Ocidental, normalmente pensará nisto neste modo: “Eu vou viver vários anos e então terei a minha recompensa. E

espero que não seja a que eu mereço.” Ora este é outro jogo. Isto não é de nenhuma maneira uma desaprovação dos princípios e convicções de outras religiões, mas é, não obstante demonstrável, muito exatamente demonstrável, que um indivíduo não acaba com o jogo quando o seu corpo morre. Estamos num nível muito alto na cientologia que as religiões Ocidentais. Mas na cientologia não estamos num nível mais alto (a não ser em relação às nossas tecnologias, em relação à exatidão da nossa compreensão) do que esses grandes líderes religiosos da Índia que mantiveram vivo o espírito, o lado espiritual da vida durante milhares de anos contra toda a invasão materialista.

E quando pensamos que muito do que sabemos agora com grande exatidão já era conhecido e esquecido há milhares de anos, começamos a ver que não estamos lidando com algo novo quando lidamos com a cientologia. Não é algo novo. O que estamos fazendo com estes dados É novo. O modo como este material é organizado é novo. As tecnologias com que nós podemos provocar no Homem um estado novo de ser é novo, mas a ideia básica, a esperança básica do Homem, tal como aparece hoje na cientologia, tem milhares de anos de idade. Quando chamamos à cientologia uma religião, chamamos-lhe assim de um muito poço mais fundo que os últimos dois mil anos.

Este Congresso é feito aqui para assinalar a conclusão do estudo de material durante um longo período, para cima de um quarto de século que é muito tempo a estudar qualquer coisa. Se vocês alguma vez se sentassem e olhassem para qualquer coisa durante um quarto de século, saberiam que isso era muito tempo para se sentarem a olhar.

Gostaria de dizer que este Congresso está aqui para honrar os grandes líderes espirituais do passado – não dos tempos modernos, mas do passado— visto que estas pessoas passaram bastante da tradição para nos alertar sobre o facto que havia um lado espiritual no Homem. Estes grandes líderes espirituais foram enforcados, ultrajados, mal interpretados, mal citados, não foram de todo compreendidos, mas não obstante eles são as mãos pelas quais uma tocha foi transmitida através dos séculos de forma a que nós pudéssemos culminar com uma maior habilidade para o Homem e um pouco de esperança no seu futuro.

Estes grandes líderes religiosos, pelo menos aqueles que eu considero grandes líderes religiosos, começando por um monge, um monge legendário, mítico cujo nome provavelmente não é, mas que se diz ter-se chamado Dharma. Essa palavra passou deste então a significar sabedoria. Há muitos milhares de anos, nas terras altas da Índia, ele entregou ou passou informação que foi agarrada e levada adiante por alguém que pode nunca ter existido, da mesma maneira que dizem que Cristo poderia nunca ter existido, e aquela pessoa foi Krishna. E avançando chegamos a Lao-tse que no seu Tão, de novo, passou conhecimento e disse que havia um lado espiritual na vida.

Mas todas estas pessoas estavam dizendo algo que era muito mais importante que “Há um lado espiritual na vida.” Estavam dizendo “Existe esperança. Eles podem vir ter convosco e dizer-vos que tudo está perdido e que estás morto, apanhado e não há esperança. Eles podem vir e dizer isto, mas isto não é verdade. Há esperança. Vão continuar a viver. Esta vida não é tudo o que existe. Há alguma vida futura na qual vão melhorar, vão ter meritoriamente mais sucesso do que têm agora.”

Isso foi o que todos estes homens disseram. Quaisquer que tenham sido as decorações que foram penduradas nas suas palavras não interessam. Qualquer tecnologia que eles tivessem certamente que foi perdida. Não obstante, eles passaram esta mensagem ao Homem; eles disseram, “Há esperança, vocês podem ser melhores, esta vida não é tudo o que existe e, de uma ou de outra maneira, vai tudo acabar bem.” Sem aquela esperança não penso que o Homem conseguisse ter sobrevivido até este ponto.

Outro destes grandes líderes, Gautama Buda que curiosamente nunca pretendeu ser um deus, pretendeu não ser nada mais do que era, um homem inspirado com a sabedoria que ele tinha ganho e que ensinou e, durante algum tempo, um terço desta população da Terra conheceu e tornou-se melhor por causa de Gautama Buda.

No mundo Ocidental, se abordarem casualmente um homem e disserem “Buda”, o outro vai dizer “Um ídolo”, o que era a coisa mais longe do pensamento de Buda, o ser um ídolo. Ele teria rido e provavelmente riu-se depois de ter exteriorizado e voltado e, quando deu uma olhada ao redor e viu todo o mundo construindo templos e queimando incenso para Buda.

Não obstante, esta não era a atração do budismo; a atração era novamente sabedoria e esperança. Pessoas vieram durante séculos em avalanches da China por montanhas tortuosas e perigosas, cheias de neve, só para chegarem à Índia e estarem perto da zona onde Gautama Buda tinha ensinado que há esperança e que o ciclo infinito de vida e morte não tem que continuar, que um indivíduo pode até libertar-se disso. Isto é interessante, não é?

No entanto, o ignorante divinizou-o. Mas, devido a ele, muito deste trabalho foi passado e uma quantidade enorme do que nós chamamos hoje religião, foi dada diretamente a este hemisfério Ocidental por Gautama Buda. Foi filtrada pelo Médio Oriente. “Ama o teu próximo” era uma das primeiras lições que ele ensinou e é aquela lição que nós recebemos do Médio Oriente.

Mas, o que eu vos estou a dizer é que estas pessoas passaram uma tocha de sabedoria, de informação, geração após geração. Foi passada ao longo de rotas geográficas, e uma dessas rotas geográficas era o Médio Oriente e uma das pessoas que a passou era um homem chamado Moisés. E novamente foi passada a um homem chamado Cristo. E ele passou-a, e até mesmo as nações árabes beneficiaram disto através do seu próprio profeta Muhammad. E eu considero estes homens grandes líderes espirituais, porque eles deram ao Homem, através dos tempos, a esperança de que a vida poderia continuar, que havia um lado espiritual da existência e que o negócio de troca e lucro não era tudo o que havia na vida.

E hoje e dia, no meio de uma sociedade materialista que quase insulta qualquer pessoa que fale do facto de que não se morre definitivamente – quando morrem estão mortos e mesmo mortos, estão a ver – estamos endividados a estes homens.

Ora a única razão porque sabemos qualquer coisa destes homens é pela palavra impressa.

E a única razão para realmente sabermos qualquer coisa sobre o que eles nos ensinaram é porque aqui e ali alguém escreveu qualquer coisa. Mas, hoje em dia entrámos na posse de uma quantidade enorme de informação, informação magnífica. As ciências físicas. E embora estas se tivessem desviado e pretendam ser um fim em si mesmas, completamente divorciadas de uma existência espiritual, elas forneceram, não obstante, um modo de operação com o qual pudemos analisar os ensinamentos e pudemos entendê-los melhor. E, a partir dessa análise e compreensão nós na verdade alcançámos muito.

Não pensem por um momento que quando eu reuni a Dianética não estava completamente consciente de praticamente tudo o que qualquer um destes homens tinha dito no âmbito do seu próprio assunto e no seu próprio meio ambiente. Se eu não tivesse tido aquela informação nós nunca teríamos tido a Dianética.

Mas, o que é que eu, um engenheiro Ocidental, fiz? Eu disse, “Bom, estes homens estão muito vendidos ao lado espiritual da vida, estão fora de bordo. Não há nada prático. Nós queremos tudo funcional. Queremos rodas. Queremos rodas dentadas. Queremos um procedimento standard pelo qual possamos olhar para alguém num sofá e dizer, “Zip, sibile, rip!” Eu fui persuadido a isto, até certo ponto, pelos meus amigos engenheiros.

Eu não consegui tolerar completamente olhar para este cenário. E ouso dizer que há alguns Cientologistas que não conseguem tolerar olhar para este cenário diretamente, porque é demasiada verdade. Gostam de mais algumas vias. Se olharem algo de forma muito direta é provável que isso também olhe para vocês. Assim, eu disse, “São demasiado espirituais, são demasiado não funcionais. Eles, os cultos e religiões Orientais, estão embutidos na pobreza. Não conseguem resolver os seus próprios problemas, portanto não têm uma resposta, excluindo, talvez, que há esperança.” E eu estava errado, eu estava errado.

O erro maior que cometí, e eu cometí erros acreditem, mas o erro maior que cometí foi no dia em que disse, “Muito bem, vamos chamar a isto uma ciência. Certo, nós concordaremos que o hemisfério Ocidental não está pronto a aceitar qualquer coisa espiritual ou religiosa; certo, chamaremos a isto uma ciência. E a esta ciência chamaremos Dianética que quer dizer ‘através da mente.’” E isso era eu obtendo a aprovação da sociedade e eu nunca deveria tê-lo feito.

Porquê? Porque fizemos um largo desvio. Associámo-nos com a psicoterapia, e isso não foi bom. Não que haja qualquer coisa errada na psicoterapia; é que eles já têm uma tremenda acumulação de

fracassos e desse modo nós também fracassámos até certo ponto. E só foi em 1952 que eu reconheci que temos que estar lidando com o que nós chamámos em Dianética, a unidade Consciente de Consciência. Temos que estar lidando com uma unidade consciente de consciência que tem um tremendo poder de sobrevivência, porque, através de meios muito científicos e inquestionáveis, eu poderia localizar a vida desta unidade consciente de consciência, vida após vida.

Vocês e eu ou qualquer cientista aqui no governo em Washington merecedor desse nome — quero dizer um cientista, não um psicoterapeuta; quero dizer um homem que aprendesse matemáticas exatas, que seja educado num modo exato de disciplina do pensamento — e se um tal homem ou quaisquer milhares deles se debruçassem sobre a evolução desta pesquisa, eles teriam que chegar às mesmas conclusões. E estas conclusões são que o Homem é de facto um corpo controlado por uma unidade consciente de consciência que tem um poder infinito de sobrevivência — mesmo quando se mete em muitos sarilhos.

E assim nós temos hoje em dia um pouco turbulência originada diretamente pelo facto de muitas pessoas estarem a dizer, “A Dianética estava bem, mas esta Cientologia...não sei. A Dianética estava bem, gostei da Dianética. A Dianética tinha algo, mas Hubbard enlouqueceu ou algo assim e saiu dela e agora não temos nada.” É verdade. Eles ficaram com uma mão cheia de nada chamado Thetan. E aquele nada contém toda a vida e toda a experiência que existe.

Certo, nós sabíamos em determinada altura que tínhamos de elevar a autodeterminação das pessoas. Sabíamos que elevando a sua autodeterminação teríamos pessoas melhores. Bem, deixem-me contar-lhes uma coisa. Se fizermos qualquer outra coisa A NÃO SER aumentar a sua autodeterminação, se fizermos qualquer outra coisa a não ser melhorar o seu autocontrole do seu ambiente como espíritos, iremos estender-nos ao comprido. Lembrem-se, eu assisti a uma longa parada de casos. Milhares e milhares e milhares de casos, mais folhas clínicas que alguma vez foram examinadas por qualquer pessoa no campo da psicoterapia porque, acreditam, colecionamo-los. As pessoas estão ansiosas por serem processadas, não estão ansiosas por serem psicanalistas. Nos poucos anos em que a Dianética e a Cientologia têm de vida, processámos mais pessoas do que as que foram processadas nos sessenta anos da psicanálise. Estes são números exatos. Mas nós não estávamos no negócio da psicanálise.

Agora, posso dizer-lhes que onde quer que tenhamos negligenciado este facto de elevar a autodeterminação e a capacidade desta unidade consciente de consciência, onde quer que a negligenciássemos, onde quer que tenhamos acentuado essa reação tipo máquina, onde quer que tenhamos tentado curar o corpo com sacrifício do homem, obtivemos, talvez, uma perna que funcionava melhor, ficámos talvez com um nariz que se torcia melhor, mas não ficámos com um homem melhor. Ora isto é interessante, não é? E, para culminar este material e um estudo dos testes de inteligência e personalidade feitos ao longo dos últimos meses — um programa com a duração de oito meses que acabou de ser concluído — levou-me à conclusão (que, tanto quanto me diz respeito é A conclusão) que não podemos perder se acentuarmos o lado espiritual do homem e que sempre perdemos quando acentuamos o seu lado material. Levou-me vinte e cinco anos para chegar a esta conclusão e dou-vos isto deste modo simples.

Porque é que a psicoterapia nunca aumentou a inteligência de ninguém? Porque é que eles cortam os homens para os curar? Bem, fazem-no por isto: porque sabem que não chegam a lado nenhum quando o fazem. Eles não chegam a nenhuma parte dirigindo-se a este objeto mecânico chamado Homem. O objeto mecânico não pode ser resolvido por outros objetos mecânicos. Ora isto é interessante, não é?

Nós temos a mesma proposição. Dois carros que estejam aqui na garagem e um deles com um pneu furado e o outro carro está ao seu lado sem nenhum pneu furado e nós voltamos lá três meses depois e esses carros ainda estão lá, um deles com um pneu furado. Alguma vez o outro carro vai consertar o pneu furado? Bem, o Homem é melhor que isto o que é assombroso; ele pode sempre fazer crescer um pneu novo, de uma maneira ou de outra pela linha genética ou algo assim, ele pode sempre ficar com um pneu novo. Um carro nem sequer é capaz de o fazer. Mas enquanto tratarmos o Homem como uma máquina, ele é capaz de fazer todas as coisas uma máquina faz e mais nenhuma. E uma máquina não pode mudar a sua inteligência e não pode mudar a sua personalidade.

É uma coisa fantástica que hoje, neste vigésimo século, milhares de anos de convicção no campo da religião se tenham materializado numa realidade que pode ser posta em prática, com bastante facilidade,

pelo indivíduo comum. Finalmente trouxemos este material para a categoria de prático. O material mais velho que o Homem tem, a esperança, o espírito, chegou a um apogeu de ser intensamente prático.

Agora, deixem-me dizer algo sobre esta palavra “religião”. Sabem que religião tem muitos significados. Tem um grande número de significados diferentes. Pode significar um número enorme de coisas. E onde o público volta as costas à religião, eles realmente não sabem a que é que estão a virar as costas, mas do que eles se estão a afastar é da sua. Se perguntarem a algum ateu declarado, “Porque é que você é um louco furioso no assunto de Deus? Porque é que fala, fala, fala sobre o assunto de Deus?” este homem diz, “Bom, tudo começou quando eu era um rapazinho e pedi-lhe uma bicicleta nova e ele não me deu e o meu pai bateu-me com a Bíblia.” O que é que ele vos está a dizer? Está-vos a dizer que aquilo não funcionou.

Eu praticamente tornei clear um preclaro o outro dia fazendo-lhe só uma pergunta. O preclaro sentou-se – é claro que se tratava só de um caso raro – mas ele sentou-se, estava bem-educado na Cientologia – ele sentou-se e deu uma vista de olhos surpreendida ao seu passado só com essa simples pergunta e de repente deu um profundo suspiro de alívio e ficou numa condição espantosa. O que foi a pergunta? “Qual dos teus pais – disse eu – gostarias mais que te auditasse o 8-C?”. Vocês sabem, o 8-C é um pouco processo pelo qual alguém atravessa e termina um ciclo de ação em um comando. Ele deu uma olhada no pai dele e disse, “Bom, meu pai provavelmente seria melhor” e então disse, “Não, a minha mãe. Minha mãe seguramente que teria tido a certeza que eu ia e tocava naquela parede. Não, mas ela não me deixaria tocar na parede. Ela teria dito, ‘Tu vai ali e toca naquela parede. Não. Quero dizer a outra parede. Porque é que estás a fazer isso?’” E de repente o preclaro disse, “O meu pai só teria dito, ‘Qual parede? Ele nunca me teria ordenado para ir e tocar na parede.’ O preclaro disse, ‘Ena pá, com o tipo de audição que tive quando era criança, não admira que tenha ficado assim.’ Aceitou isto como uma explicação e reavivou-se. Notável, muito notável.

Mas, vocês percebem que a religião foi denegrida quando foi usada para o controle egocêntrico e egoísta de outros seres humanos? Quando o papá era um membro da Classe da Bíblia Baptista e veio para casa e disse, “Se não fores um bom menino, blá, blá, blá, vais para o inferno. Se não fizeres isto, se não fizeres aquilo, ameaça, ameaça, castigo, castigo, castigo, ameaça, ameaça.” Vocês sabem que isso é um controlo muito ruim. Não é bom 8-C, não é? E quando algo foi usado como 8-C ruim, podemos esperar então que um grande número de pessoas na sociedade se vão rebelar contra isso. Da mesma maneira que se rebelariam contra qualquer auditor que dissesse, “Olha, há ali uma parede mesmo no ar. Agora caminha para ela e toca nela. Certo. Agora sente o chão meio metro acima de onde estás. Ótimo.” Agora ele fechava as portas muito bem fechadas e dizia, “Agora, não havendo nenhuma porta aqui, sai para o hall.” Supondo que ele fazia isto, porém, dizia, “Agora, se não localizares imediatamente a tua cadeira, um raio vai aparecer nalgum lugar na redondeza da tua cabeça e vais-te arrepender.” Isto parece ser um bom 8-C?

Há dois tipos de controlo. Há o bom controlo e há o controlo ruim. Eu posso mostrar-lhes um processo que demonstra que uma ausência total de controlo é a própria doença. Uma criança que não tem ninguém na sua vizinhança para o controlar tanto quanto ele está a controlar as coisas, está num fluxo fixo. Ele é então incapaz de continuar. Ele fica chateado. A ausência total de controlo é uma doença. Poderia demonstrá-lo, mas têm de acreditar na minha palavra nisto. A pessoa mais aberrativa no vosso banco é provavelmente a pessoa que vos deveria ter controlado, mas que não o fez. Ora, essa pessoa, se começarem a percorrer isto desta maneira — o que esta pessoa queria mudar, o que esta pessoa queria inalterado, o que esta pessoa queria mudar, o que esta pessoa queria inalterado — verão que o vosso preclaro fica bastante doente. Toda a fadiga, a perturbação, a confusão e a necessidade ansiosa de causar um efeito em alguém surgirão de repente a assombrá-lo, porque aquela pessoa deveria tê-lo controlado — a mãe dele, a avó dele, o pai — e não o fizeram, e deixaram então em existência um tipo de buraco que era sem tempo, porque o tempo depende da mudança. E mudança é parte do controlo.

Sem controlo, sem partículas móveis, sem se ser a si mesmo movido, sabem que flutuariam para sempre num vazio sem tempo? Assim, há alguma coisa importante no controlo. Mas, a palavra controlo e o próprio controlo tem sido tão mal feito que é quase uma palavra maldita. Mas há o bom controlo. Seria um tipo de controlo onde nós tivemos algum acordo e conhecimento da meta a ser atingida. Estão

a ver? Algum acordo e conhecimento da meta que estávamos a tentar alcançar. Isso teria que estar lá. Teria que ser conhecido. Pelo menos uma das partes teria que saber muito bem isto, e ambas as partes teriam que saber isto de algum modo para que o controlo funcionasse. Teríamos que ter um acordo de metas.

Outra coisa que teríamos que ter seria a conclusão de um ciclo de ação. Uma vez que um comando fosse dado deveria ser completado antes de um segundo comando ser dado. Não deveríamos dizer a alguém, “Agora apanha aquele grupo de flores... não deixa-o lá.” Bom, o que eu estou descrevendo é controlo ruim, e isso é muito mau porque mistura e confunde o tempo da pessoa. E o mau controlo é feito quando uma das partes está totalmente inconsciente do controle ter sido realizado. Normalmente a pessoa que está sendo controlada está inconsciente de que está a ser controlada ou algo assim, a pessoa que está fazendo o controlo não sabe isto, mas está agindo compulsivamente ou obsessivamente — e aqui temos uma situação onde os ciclos de ação não são concordados, as metas não são concordadas, não são completados os ciclos de ação e nós obtemos o caos e o mau controlo.

Onde algo foi usado para controlo ruim, fica infame pela mera associação com a confusão do mau controlo. Poderíamos então dizer que se todas as agências de licenças de automóveis no país ficassem ainda pior do que são, e entrassem numa situação onde quando eles emitiam uma licença de carro e vocês a pucesssem no carro, eles vos escrevessem uma carta a dizer que era a licença errada e que vocês a deveriam devolver, caso contrário seriam presos, e quando vocês a haviam devolvido fossem presos por não terem licença. Quando lhes enviaram \$200.00, o que penso é o imposto habitual para um carro Modelo UM de 1930 hoje para imposto e taxa de licença, eles perdiam então todos os registos e prendiam-vos por não a terem pedido. Agora isto seria interessante, não seria? A primeira coisa que saberiam é que toda a agência de licenças de automóveis teria um nome muito ruim e nós diríamos que as licenças de automóveis são más, não era? São ruins. Vamos passar sem isso. Não é prático, não nos leva a nenhuma parte, temos uma confusão enorme e isso é o fim disso tudo. E sabem, neste mundo Ocidental em grande medida foi o que aconteceu com a religião.

Vemos os arrazoados espetaculares e irracionais. Vemos algum jovem a dizer, “Eu poderia dirigir este país muito melhor que qualquer outra pessoa. Tudo o que tem que fazer é dizer a todo o mundo para acreditarem em Deus e então o país inteiro funcionaria bem.” Ele levanta-se aqui mesmo nos degraus do Capitólio em Washington, D.C. e quarenta e cinco mil pessoas saem para o ouvir falar e ele diz, “É tudo o que precisamos e isso resolve todos os nossos problemas e sejam bons ou irão todos para o inferno.” Ora quando ouvimos um arrazoado deste tipo, dizemos a nós mesmos, “Religião.”,

Mas, quando nós falamos de “religião” da maneira como o fazemos, estamos falando sobre o lado espiritual da existência. Estamos falando sobre este facto estranho que, se a unidade consciente de consciência não estiver no controlo do corpo, o corpo estará doente. Por outras palavras, se negligenciarmos o lado espiritual da existência e não reconhecermos a existência de um espírito, não reconheceremos a parte que isto joga na vida. Estamos a abrir os braços para todos os males que escaparam da Caixa de Pandora. Estamos mesmo a pedi-las.

Uma criança vai à escola e eles dizem: “Sê cuidadoso agora, come as tuas vitaminas, tem cuidado como atravessas a rua, usa as tuas roupas, usa as tuas borrachas, não brinques nesses charcos de lama”, e assim por diante, uma tirada constante do que não é suposto que ele faça ou o que é suposto que ele faça com o corpo dele, de uma forma ou de outra, razoável ou não.

E ninguém nunca lhe diz: “Filho, a tua autodeterminação depende da tua capacidade para tolerares as ações dos outros ou para os dirigires à vontade. Depende da tua capacidade para teres caridade para com os membros da raça humana. Depende da tua capacidade, quando numa posição de confiança, de demonstrares clemência. Depende da tua capacidade para fazeres com que um postulado adira nesse corpo. Quando lhe dizes que caminhe, ele caminha.” Ninguém lhe diz isto, e não lhe dizendo, vaticinamos para ele uma vida de tumulto, de confusão e de doença, e eu diria que isso é um truque sujo para se fazer a qualquer criança. Se a unidade consciente de consciência estiver em controlo do organismo, do corpo, conscientemente, podemos esperar um corpo saudável e uma vida próspera. E se é pensado que

uma máquina está em controlo da unidade consciente de consciência, se for tudo pensa-pensa e tu-és-o-que-é-o-teu-corpo-e-nada-mais e tudo concorre exclusivamente para o corpo, teremos doença.

A Cientologia é conhecimento. E é tudo o que a Cientologia é. A palavra “Cientologia” significa conhecimento, é tudo o que significa. Scio quer dizer saber no sentido mais completo da palavra. Muitas pessoas acreditam que vem de ciência. Não, é Scio, saber no sentido mais completo da palavra, estudando como saber no sentido mais completo da palavra, mas esta é a mesma palavra que Dharma que quer dizer conhecimento; Tao que quer dizer o caminho para o conhecimento; Budismo que significa o caminho para o conhecimento espiritual. É uma palavra velha, uma palavra muito velha. Acontece conter possivelmente dentro dela a maior parte do que é *conhecível* hoje em dia em termos da teoria que está em qualquer lugar imediatamente reconhecível a qualquer pessoa.

Mas contém em si mesma uma outra coisa. Contém uma direção positiva, uma meta positiva e está empenhada em ir numa certa direção, e isto é a primeira vez que isto alguma vez esteve empenhado a ir nessa direção e isto é a coisa principal que desejo anunciar a este Congresso. Não existe já qualquer dúvida na minha mente que um postulado feito por uma unidade consciente de consciência é uma manifestação mais elevada que qualquer manifestação de energia-espacó e que o postulado está total e completamente em controlo de manifestações de espaço-energia, uma coisa que seria nova para um físico nuclear, mas que poderia ser provado a ele. Faria dele, provavelmente, um homem muito velho. Agora nós temos esse facto, esse postulado. Um pensamento é a coisa mais sénior que existe. É sénior a qualquer uma e a todas as massas porque os pensamentos podem dirigir as massas, como eu espero que vocês possam ver aqui no processamento de grupos abundantemente.

Ora o pensamento maneja a massa. Claro que eles o têm dito durante anos, mas não o conseguiam provar. Um tipo diz, “Muito bem, esse grande camião está a correr direito a mim e tudo o que eu tenho que dizer é ‘nenhum camião’. É isto que faço, imediatamente, e que resolve a situação?” O que é que estás a fazer aí numa massa que pode ser atropelada? É aí que começa o problema. O que é que estás a fazer aí numa massa que pode ser atropelada? Isto visto que podiam lá estar facilmente da mesma maneira, mas sem estarem em nenhuma massa; e isso é o que é surpreendente e o que é novo. Ora a Cientologia contém, então, uma direção e contém uma meta, e a meta simplesmente é uma maior liberdade para o indivíduo, e quando nós dizemos o indivíduo, estamos falando sobre algo tão preciso quanto uma maçã. Nós não estamos falando sobre uma coleção de padrões de comportamento que todos nós mais ou menos aprendemos através do estudo de ratos. Estamos falando sobre algo que é finito. Estamos falando sobre alguém. O algo que vocês são e as capacidades que podem ser, e isto é sobre o que estamos falando. Não estamos falando sobre a cor do vosso cabelo ou o comprimento dos vossos pés.

Estamos a falar sobre ti e sabemos sobre o que estamos a falar quando falamos sobre ti, e então, uma maior liberdade é indicada para este indivíduo, tu. Porquê? Porque este indivíduo, tu, está hoje ameaçado por um dos maiores cataclismos que o Homem já foi chamado a enfrentar. Ele é ameaçado por muitos corpos que correm ao seu redor, evidentemente em automático total, fazendo e planeando coisas interessantes para o falecimento da raça. Nos próximos anos, como este tipo de um ataque não acontecerá durante algum tempo, os próximos anos vão ser de arrasar os nervos.

Se compreendermos o que sabemos – o que vocês sabem, é uma coisa interessante, vocês têm que compreender o que sabem — se compreendermos o que sabemos, podemos ir muito longe ajudando ou mitigando o efeito e o morticínio numa sociedade com armas que excedem a imaginação de qualquer de nós no seu poder destrutivo e que vão causar um declínio do estado do Homem a menos que alguns de nós saibamos sobre o que estamos a falar. E afortunadamente, agora mesmo, sabemos sobre o que estamos a falar. Dependerá de nós, em larga medida, se o Homem se irá tornar um animal acossado ou continuará sendo um ser espiritual. Porque, o Homem é hoje ameaçado por homens que se tornaram animais, que não pensam em mais nada senão nisto.

Este trabalho não representa uma revolta; nem sequer representa vagamente um desejo para o desaparecimento de qualquer destas coisas. Tudo o que representa é a esperança de que o Homem consiga novamente achar o seu próprio caminho que, achando-se numa sociedade mecanicista muito confusa, possa recuperar alguma felicidade, alguma sinceridade, algum amor e generosidade com os quais foi

dotado e, se ele o conseguir fazer e se nós o conseguirmos de algum modo ajudar a concretizar isto, então todos os anos da minha vida e todos os anos das vossa terão sido bem aplicados e nenhum de nós terá vivido em vão.

Estou muito, muito feliz de vos ver aqui. Tenho uma grande porção de coisas técnicas a dizer-vos. E quero dizer-vos em primeiro lugar que temos uma religião prática. E antes de digam, “Religião, grrrr,” pensam que é uma religião prática e a religião é a herança mais antiga que o Homem tem. Muitos, muitos dos presentes são ministros. O facto é que nós não nos encaixamos de todo, não temos influência nem qualquer contacto com a medicina nem, certamente, com a psiquiatria.

Nós não existimos na tradição da psicologia. Só podemos existir no campo de religião. Claro que, depende de nós fazer da religião uma coisa muito melhor do que tem sido e usá-la para usarmos muito melhor o 8-C no nosso membro da raça humana. Obrigado.